

## Skate na cidade, imagens da cidade

notas etnográficas sobre a conquista de picos

**Giancarlo Marques Carraro Machado**

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/305>

DOI: 10.4000/pontourbe.305

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Edição impressa**

Data de publicação: 1 Julho 2012

**Referência eletrónica**

Giancarlo Marques Carraro Machado, « Skate na cidade, imagens da cidade », *Ponto Urbe* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 01 julho 2012, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/305> ; DOI : 10.4000/pontourbe.305

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© NAU

---

# Skate na cidade, imagens da cidade

notas etnográficas sobre a conquista de picos

Giancarlo Marques Carraro Machado

---

## AUTHOR'S NOTE

Este artigo resulta da pesquisa realizada para minha dissertação de mestrado, intitulada “De ‘carrinho’ pela cidade: a prática do *street skate* em São Paulo”, orientada pelo Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr., e defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP) no ano de 2011. A pesquisa contou com o financiamento do CNPq em seus primeiros meses de execução e, posteriormente, da FAPESP.

## Introdução

Um lugar onde a pedra portuguesa reinou por quase 40 anos, e depois de um ano de interdições e transtornos fora do comum, se tornou o sonho de qualquer ser levemente racional que já pisou em um skate alguma vez na vida. São bordas de mármore de todos os tamanhos, escadas, *wallrides*, *gaps*, hidrantes, buracos. Tudo cercado por um chão liso, melhor do que da maioria das pistas da cidade. A simples sensação de atravessar os largos quarteirões remando é indescritível. Mas toda essa perfeição é ofuscada por um simples motivo: *a Avenida Paulista não foi feita para o skate* (Mug, Marcelo. “Avenida Paulista: o passeio nosso de cada dia”. Revista Tribo Skate, março de 2009, edição 161).

- 1 Quando ouvimos algo relacionado à Avenida Paulista, diversas imagens vêm à nossa mente de forma tão intensa que poderíamos listar, durante um bom tempo, uma pluralidade de coisas possíveis de se ver e se experimentar por lá: trânsito intenso, passos acelerados, pessoas de terno e gravata, prédios comerciais, museus, manifestações políticas, artistas de rua, vendedores ambulantes, policiais, *fast-foods*... Mesmo diante de tamanha heterogeneidade, falar da possibilidade de uma prática esportiva ser feita no local pode soar, ao menos inicialmente, como algo incabível.
- 2 Entretanto, por meio de um olhar *de perto e de dentro* (Magnani, 2002), percebe-se que uma das avenidas mais famosas e movimentadas do país se constitui como um local onde se realizam diversos tipos de práticas esportivas, dentre as quais destaco o *street skate*, isto é, a prática do skate de rua. Uma simples caminhada pelas suas calçadas, sobretudo nos finais de semana, comprova este fato. A Avenida Paulista tornou-se bastante frequentada pelos skatistas nos últimos tempos, situação que se deve, conforme apontado na epígrafe acima, à substituição do piso de pedras portuguesas das calçadas por outro de superfície mais lisa. Com efeito, a partir dessa reforma as rodinhas dos skates puderam circular mais facilmente, possibilitando aos praticantes disputar cada espaço da avenida com milhares de outros pedestres que também transitam por lá diariamente.
- 3 Conforme demonstrei em outro artigo (Machado, 2012), apesar de existirem dezenas de pistas de skate na cidade de São Paulo – espaços considerados pelo poder público como sendo “próprios” para o skate -, a maioria dos skatistas da modalidade *street skate* confere maior importância à prática feita nas ruas, onde, para muitos, se “anda de skate de verdade”. O que lhes atraiem nas mesmas é a possibilidade de encontrar diferentes tipos de *picos*, ou seja, equipamentos urbanos (bancos, corrimãos, escadas, canteiros) que se tornam obstáculos onde se realizam as manobras. Os *picos* podem ser encontrados em muitos espaços da cidade, mas, por se situarem em locais que geralmente contam com certos tipos de regras privadas, a prática do skate é proibida nos mesmos. Desse modo surgem inúmeras tensões em torno das múltiplas lógicas atribuídas à utilização dos espaços urbanos, as quais podem resultar, inclusive, em caso de polícia. Para driblar as formas de repressões encontradas durante a realização da prática do skate, os skatistas, em suas condições de *cidadinos* (Joseph, 2005), adotam uma série de estratégias visando à apropriação de *pico* e, conseqüentemente, a produção de imagens que comprovem o seu uso.
- 4 Ao levar em conta essas considerações iniciais, este artigo busca analisar como os skatistas usam e se apropriam de certos espaços da cidade – como os da Avenida Paulista - que não foram planejados para a prática do skate. Os resultados aqui apresentados derivam do trabalho de campo que realizei dos anos 2008 a 2011 para a minha dissertação de mestrado (Machado, 2011). Vale ressaltar que as investigações seguintes aproximam-se de uma antropologia *da cidade*<sup>1</sup>, e não apenas *na cidade*, as quais pretendem evidenciar, de acordo com a perspectiva de Michel Agier (2011), a cidade vivida, sentida e em processo, o que implica em não considerá-la como uma “coisa”, mas como um todo decomposto vivido em *situação*<sup>2</sup>. Vislumbra-se abordar, portanto, o espaço urbano “definido pelas vivências associadas à vida cidadina” (Meneguello, 2009, p.128), dentro de um campo de mobilidade, de circulação e de acessibilidade (Joseph, 2005), o que implica em relativizá-lo como algo fixo e com práticas determinadas.

## Skate na Avenida Paulista

- 5 Juan Aliste, skatista chileno, esteve no Brasil por conta de sua participação em um evento promovido pela marca que o patrocina. Como estava hospedado em um hotel localizado nas imediações da Avenida Paulista, não quis perder a oportunidade de conhecer diversos *lugares skatáveis* paulistanos <sup>3</sup>. Para que isso ocorresse, o fotógrafo Fellipe Francisco entrou em contato com o referido skatista, e ambos combinaram uma *sessão* de skate em um dos *picos* da avenida. Tive a chance de presenciar o encontro, no qual foram produzidas algumas fotos para uma matéria posteriormente publicada numa revista especializada em skate.
- 6 Andar de skate na Avenida Paulista não é uma tarefa fácil. Vários fatores dificultam a prática nos *picos* encontrados por lá. Um deles é a intensa circulação de pessoas nas calçadas. Diante de adversidades como essa, os skatistas precisam aderir a uma série de estratégias, visando minimizar possíveis dissabores. Na *sessão* que presenciei, ficou combinado que o encontro entre os participantes se daria próximo à meia-noite, pois, com o fechamento das estações de metrô, o fluxo de pedestres diminui consideravelmente.
- 7 Após encontrar o skatista e fotógrafo Marcelo “Mug”, fomos até o *pico* em que a *sessão* seria feita: as escadas do Banco Central. Chegamos ao local e já havia alguns praticantes, circulando de um lado para o outro na extensão da calçada. Eles não ficavam muito tempo parados nos *picos* encontrados por ali. Ora andavam no *wallride* do Banco Central <sup>4</sup>, ora andavam nas quinas de um canteiro da Caixa Econômica. E não se limitavam a isso, pois, com o chão liso, muitos equipamentos urbanos – hidrantes, rampas de acesso, guias, bueiros, corrimãos – também viravam obstáculos.
- 8 Não demorou muito tempo para que restassem apenas poucas pessoas em frente ao *pico* em que estávamos. Como aquela noite estava fria, o skatista que seria fotografado precisou fazer um breve aquecimento. Ele então circulava pela calçada, desviando-se das pessoas e mandando algumas manobras no chão. “Mug” não faria fotos naquele momento. Deixando brevemente sua função de fotógrafo, também aproveitou para andar um pouco de skate. Enquanto isso, Fellipe Francisco montava todo seu equipamento em frente às escadas do Banco Central, espalhando os tripés com seus respectivos *flashes* por vários cantos. O local parecia um estúdio fotográfico ao ar livre.
- 9 Depois do breve teste dos equipamentos fotográficos, estava tudo pronto para a *sessão*. Nesse momento o skate saiu da calçada para adentrar em um espaço com regras privadas (as escadas na porta de um banco). Juan Aliste começou a tentar pular a escadaria em formato *double set* <sup>5</sup>. Ao observá-lo, notei que ele tomava certos cuidados não só com seu corpo, mas também, com as pessoas que circulavam pelas imediações. É preciso cautela para não acertá-las com o skate. Uma série sucessiva de tombos não foi capaz de desanimá-lo. O que importava, pelo menos naquele instante, era utilizar o obstáculo e acertar a manobra, para ter a sua foto estampada na página de uma revista.
- 10 Durante a *sessão*, tanto o skatista quanto o fotógrafo estavam ansiosos para realizar, respectivamente, a manobra e a foto. Todavia, havia entre eles uma preocupação com uma possível repressão <sup>6</sup>. A qualquer instante os seguranças do banco, ou até mesmo alguns policiais, podiam aparecer e eles não tinham autorização para utilizar o obstáculo. A *sessão* durou apenas alguns minutos. Para o alívio do skatista e do fotógrafo, passado um

tempo a manobra e as fotos foram feitas em uma das “paisagens de poder” (Zukin, 2000) da cidade<sup>7</sup>.

- 11 Aquela escada, atravessada por centenas ou milhares de clientes do Banco Central durante o dia, à noite se transformara em um *pico* para os skatistas, palco de uma memorável *sessão* fotografada e publicada em uma revista. Isso demonstra, como bem observado por De Certeau (2009, p.233), que “(...) as maneiras de utilizar o espaço fogem à planificação urbanística”. Após a *sessão*, já de madrugada, eles saíram dali em direção a outros *picos*, levando em conta a proximidade entre os mesmos na Avenida Paulista. Diante da imprevisibilidade dos usos dos espaços urbanos, nada mais importante para os skatistas, portanto, que estar preparados para captar as imagens da conquista de um *pico* por meio da realização de manobras.

## Estratégias para *sessões* em *picos*

- 12 Esse relato apresentado demonstra apenas uma *sessão* realizada pelos skatistas em um dos inúmeros *picos* encontrados em São Paulo. Conforme visto, praticantes de diversas regiões se dirigem até a Avenida Paulista, situada em uma área central da cidade, com a expectativa de encontrarem diferentes tipos de equipamentos urbanos para suas manobras. Isso nos permite entender os supostos “usos dissonantes dos espaços, não como manifestações de ‘desordem’, mas como formas singulares de apropriação cotidiana e pública de certos espaços” (Leite, 2006, p.23). Desse modo, tais cidadãos, por meio daquilo que chamam de *olhar skatista*, dão novos significados aos espaços a partir de suas experiências.
- 13 As intensas mudanças às quais os equipamentos urbanos estão sujeitos fazem com que os *picos* constantemente apareçam ou desapareçam das cidades<sup>8</sup>. A Avenida Paulista é um caso exemplar. A substituição do piso de pedra portuguesa de sua calçada era o que faltava para que ela se tornasse alvo dos praticantes do *street skate*:

Só um chão proporcionou tudo isto. Tem muita gente ali que nem imaginava andar de skate um dia na Paulista. Ou nem imaginava andar de skate um dia na vida e só porque criou um chão, imaginou isto. Então, às vezes uma simples reforma, um simples incentivo, por mais inconsciente que seja, vai atrair mais gente. E a notícia corre. Um dia alguém andou. O chão é ruim. Mas aí reforma, rapidinho a notícia espalha e já está “bombando” (Daniel Santi, skatista. Entrevista em 16 de abril de 2010).

- 14 Os consideráveis obstáculos encontrados fizeram da avenida aquilo que os skatistas sempre almejavam, ou seja, um espaço com muitos *picos* próximos uns dos outros, condição que permite uma *sessão* ser feita de forma contínua:

Vários *picos* em um mesmo lugar, apesar de não ser fácil de andar em todos os lugares. Mas a gente aproveita do melhor jeito possível. Quem não gosta de skate, odeia ir à Paulista no final de semana, porque tem muito skatista. [Mas] gente que nunca andou de skate pega o filho e vai andar de skate, dar uma volta. O chão liso proporciona tudo isto. Geralmente todo mundo se encontra no *wallride*. Às vezes encontra até sem combinar. Combina com dois, daí chega mais dois. E a partir dali vai indo para outros lados: tem a *borda* de mármore do Bradesco, tem o buraco na pracinha em frente à Paulista, tem o banco curvo. Tem *pico* que não acaba mais. Tem a *double set, gap*, corrimão (Victor Ferrari, *videomaker* e skatista. Entrevista em 16 de abril de 2010, grifos meus).

- 15 Enquanto certos espaços públicos de São Paulo - como Vale do Anhangabaú, Parque do Ibirapuera e algumas pistas - se configuram como lugares onde se estabelecem formas de sociabilidade mais densas entre os skatistas, espaços com equipamentos privados que possibilitam a prática do skate propiciam o foco voltado, sobretudo, para a circulação e realização de manobras. Em função disso, a utilização de *picos* cujo acesso é proibido é feita de forma rápida. Isso se deve, em boa medida, às formas de repressão encontradas no local, pois, quanto maior o tempo de prática do skate, maior a possibilidade de atritos com seguranças, policiais ou guardas municipais.
- 16 Embora a maioria de seus *picos* seja privada <sup>9</sup>, a Avenida Paulista é considerada atrativa pelos skatistas, pois nela podem mandar suas manobras em um dado equipamento e, em seguida, sair daí rapidamente. Como há vários *picos* próximos, feita a *sessão*, eles podem ir à procura de outros. Com isso é possível testar a técnica em diferentes obstáculos, que contam com distintos níveis de dificuldades e riscos <sup>10</sup>.
- 17 A permanência de skatistas na Avenida Paulista, assim como em muitos outros *picos* privados da cidade, pode ser vista como efêmera. Com efeito, os próprios interlocutores da pesquisa, durante nossas conversas, dificilmente conseguiam identificar alguém como sendo *local* de lá <sup>11</sup>:

Todo mundo de São Paulo anda na Paulista. Tem muita gente que vem de fora para andar na Paulista. Mas não tem uns *locais* mesmo da Paulista. É difícil [um skatista] ir e andar todos os dias ali. Mas a Paulista não é um lugar que toda hora pode andar. Então, é mais de madrugada. Quem anda todo dia no mesmo lugar de madrugada? Ninguém (Victor Ferrari, skatista. Entrevista em 16 de abril de 2010, grifos meus).

- 18 Em sua busca por *picos* para andar de skate, Raphael “Pezão” tenta reduzir os possíveis problemas oriundos da prática. Porém, para esse interlocutor, há vários skatistas que utilizam os equipamentos não com o propósito de somente praticar, mas ao contrário, para promover badernas que incomodam outras pessoas. Tais atos, de uma certa forma, não se associam a um único praticante, mas sim, aos skatistas em geral, o que contribui para que uma má imagem seja construída em torno dos mesmos:

Na Paulista é aquilo que você vê: ou é uma galera que anda sério de skate, isto é uma galera mesmo. Ou é aquela molecada, não vou dizer que não é sério, mas é aquela molecada que começou agora. Eu vejo isto porque eu morei lá por muito tempo. E eu via da janela: a molecada não tem muita noção, está se achando ainda no mundo, só que lá vai e “mama” com aquela galerinha da Augusta e sai que nem louco. Mas isto não é um, nem dois. É uma galera. Não vou por a culpa só neles. Mas são uns caras que atropelam um monte de gente, uns caras sem noção. Minha tia uma vez reclamou: “moleque veio na minha direção. Não me viu. Se eu não desvio, ele me atropela”. Eu falei: “poxa, tia, eu não faço isto. Eu tenho noção do meu espaço”. Mas para quem não anda de skate, é tudo skatista! Eu achei que isto foi foda para o skate. Porque no Ibirapuera sempre teve skatista. A galera que não anda de skate está ligada. No Vale sempre teve skatista. Nos outros *picos* também. Pista de skate então... Aí de repente, na Paulista, que é o centro comercial de São Paulo, começa uma invasão (Raphael “Pezão”, skatista. Entrevista em 29 de março de 2010, grifos meus).

- 19 O skatista Sidney Arakaki, assim como “Pezão”, atribui a culpa da construção de uma má imagem aos skatistas que iniciaram a prática há pouco tempo (a “molecada”), que tentam se exhibir em público sem ao menos ter um nível técnico para isso:

A maioria dos novos skatistas, dos moleques que começam a andar, é para se mostrar, para exhibir. Então quanto mais gente tiver passando, eles querem tentar fazer as manobras que não sabem para se exhibir. O cara não tem noção de nenhuma

manobra. *Naquela o skate acaba espirrando, atropelando, atrapalhando todo mundo* (Sidney Arakaki, skatista. Entrevista em 7 de dezembro de 2010, grifos meus).

20 Durante o trabalho de campo observei duas situações que vão ao encontro dos apontamentos dos interlocutores. A primeira delas aconteceu em um sábado à tarde. Em frente ao Banco Safra, localizado na esquina da Avenida Paulista com a Rua Augusta, alguns skatistas tentavam mandar manobras em uma *borda* de mármore. Entretanto, o *pico* situa-se próximo a uma faixa de pedestres, local pelo qual passam muitas pessoas. Em determinados momentos, os skatistas perdiam o equilíbrio e seus respectivos skates escapuliam em direção aos transeuntes. Muitos apresentavam olhares de desaprovação para a prática, tendo em vista o local onde ela era feita. A segunda situação aconteceu no mesmo lugar, porém em um domingo. Era noite, havia um intenso trânsito de pedestres e, em meio a isso, um skatista colocou um cone no centro da calçada. Seu objetivo era pulá-lo, mas, a cada tentativa, ele quase se chocava com outros que passavam por aquele espaço.

21 Ciente das atitudes feitas por certos skatistas, as quais prejudicam os praticantes de um modo geral, a Revista Tribo Skate, em uma matéria especial sobre a Avenida Paulista, orienta os leitores a terem bom senso e respeito com o próximo:

Andar de skate na primeira via pública recapeada com cimento liso e arborizada de São Paulo é uma tarefa que exige uma dose extra de bom senso da nossa parte, os skatistas. Não existe a mínima condição de, por exemplo, rolar uma *sessão* na hora do almoço, em plena quarta-feira. Azar seu se você atravessou a cidade para andar e encontrou uma multidão na calçada. Sorria, procure outro *pico*, volte outro dia. *Uma atitude errada de um ou outro skatista mais inconsequente pode acabar com a diversão de todos nós. A idéia para perpetuar o skate na Avenida Paulista é simples: skate no pé e bom senso e respeito na mente* (“Mug”, Marcelo. Revista Tribo Skate, edição 161, 2009, grifos meus).

22 Os discursos anteriormente apresentados por Raphael “Pezão” e Sidney Arakaki, apontam dois tipos de skatistas que utilizam os *picos* para a prática do *street skate*: a “molecada” e os que “andam sério de skate”. Enquanto os primeiros geralmente circulam em companhia de muitos skatistas, os últimos, ao contrário, preferem ir aos *picos* acompanhados por poucos. O objetivo é não chamar tanta a atenção para a prática nos equipamentos que ficam em espaços com regras privadas, o que facilita a produção das imagens:

Muita gente andando na *sessão*, principalmente em *pico* proibido, é pedir para o cara não andar. Porque demonstra uma certa forma de desorganização, de bagunça, de algazarra, que muitas vezes em uma rotina de trabalho não existe. E é difícil fotografar com muita gente, filmar e tal. Então quanto mais gente andando é pior, “queima o filme” com o segurança, porque vira uma zona, vai chamar a atenção de pessoas que não podem saber que a gente está andando ali. Quanto menos gente, melhor (Marcelo “Mug”, fotógrafo e skatista. Entrevista em 6 de abril de 2011).

23 Outra estratégia adotada pelos skatistas para usar os *picos* e, conseqüentemente, fazer as imagens das manobras, é ir até lá no momento em que a circulação de pedestres não esteja tão intensa e, também, nos períodos em que os estabelecimentos estejam fechados, como na madrugada ou durante os finais de semana. Alguns interlocutores mencionaram até levar um gerador de energia, caso o local se encontre sem luz. A iluminação do *pico* facilita a *sessão* de skate e de fotos:

O que acontece é assim: se você quer filmar ou fotografar em algum lugar, você tem que ver. Tem *pico* que você pode ir fim de semana ou dia de semana à noite. Daí você tem que analisar que hora fecha o comércio ou que horas tem menos movimento de trânsito, para tentar andar no lugar. É uma forma *underground* de driblar a repressão (Jorge Costa, skatista. Entrevista em 19 de março de 2010).

- 24 Mesmo com essas estratégias, muitas sessões podem não acontecer. Desse modo, em cada situação os participantes se valem de táticas diferentes para o uso do *pico*. Subornar seguranças é uma delas:

Tem lugar que você chega e nem põe o skate no chão e chega o guardinha: “saí daqui, não pode andar”. Tem lugar que eles chegam e trocam ideia sossegada. Falam: “pô, meu patrão vai brigar comigo. Por mim eu deixava vocês andar aqui, mas é meu serviço”. Daí a gente entende o lado dos caras. Mas tem uns que a gente fala: “eu te pago uma pizza” (Rodrigo “Bocão”, *videomaker* e skatista. Entrevista em 11 de abril de 2011).

- 25 Entretanto, a maioria dos seguranças é intransigente e não cede aos apelos. E quando a situação não é resolvida cordialmente, para solucionar de forma mais eficaz a disputa pelo espaço, muitos deles chamam a polícia. Certos skatistas me disseram que mesmo assim não se sentem acuados. Ao contrário, quando isso acontece, calculam aproximadamente quanto tempo demora para que uma viatura chegue até o *pico* em que estão e, com base em suas previsões, aproveitam mais alguns breves minutos para finalizar a manobra, a foto e a filmagem.
- 26 Estar atento ao calendário também é algo importante para os skatistas. Em determinadas datas do ano, principalmente em feriados, há maior facilidade para utilizar os *picos* privados que contam com forte aparato de segurança e onde a prática do skate é extremamente proibida. O fotógrafo Caetano Oliveira relata o seguinte caso:

Cada lugar que você vai é diferente para você andar. Tem lugar que você tem que chegar formalmente, pedir para andar. Outros, você já chega invadindo. É muito diferente. Tem lugar que só dá para ir de madrugada. No caso de uma capa que fiz do Vinicius Amorim, o lugar é muito difícil de andar, porque é um prédio empresarial. A gente foi na véspera do Natal, no dia 23, às 2 da manhã. Nós fomos para fazer a foto, e o segurança devia estar no espírito natalino. Ele deixou a gente mandar mais umas manobras. Mas cada lugar é de um jeito. Tem vez que os caras chegam com arma. Cada dia é uma experiência nova (Caetano Oliveira, fotógrafo e skatista. Entrevista em 7 de abril de 2011).

- 27 É válido lembrar outra situação ocorrida ao longo da pesquisa. Em alguns meses de 2010, vários skatistas tiveram diversas oportunidades consideradas únicas. A cidade de São Paulo ficou pouco movimentada enquanto aconteciam os jogos da Copa do Mundo de futebol<sup>12</sup>. Relativamente poucos carros e pessoas circulavam pelas ruas. Logo, aproveitando-se da falta de atenção de seguranças, guardas e policiais por conta da transmissão dos jogos, inúmeros praticantes fizeram imagens em *picos* cuja prática era tida, até então, como inimaginável:

Eu fiz [uma foto em um] corrimão com o Bruno Araújo, que fica em frente a um hospital. Só consegui fazer a foto de manhã cedo, no dia de Copa do Mundo, onde os caras não estavam nem aí para a parada. Então eu consegui fazer. E ninguém mais conseguiu fazer, porque ali tem câmera de seguranças por todos os lados (Shin Shikuma, fotógrafo e skatista. Entrevista em 12 de abril de 2011).

- 28 Por fim, uma das estratégias mais utilizadas é um simples pedido de autorização para os agentes responsáveis pelos *picos* onde a prática do skate, a princípio, não é permitida. Por envolver questões burocráticas, o pedido é feito com base em uma série de argumentos. O principal deles é que os envolvidos na sessão (geralmente skatista, fotógrafo e *videomaker*) não estão ali para se divertir, muito menos para fazer algazarra ou destruir equipamentos, mas ao contrário, por conta de um trabalho que será publicado na mídia especializada. Com efeito, câmeras e filmadoras atuam como mediadoras nas relações



estabelecidas, sendo utilizadas estrategicamente pelos skatistas em suas sessões pela cidade:

[O uso de câmeras e filmadoras] é um argumento. Aí eles não vêem que a gente está ali só de brincadeira, que nem muita gente que tem impressão que skate é só brincadeira. Estou aqui fazendo meu serviço, estou dando uma ideia para você, para fazer meu serviço. E é aquela ideia, que estamos na rua fazendo foto para revista. Revista tem que viver dessas coisas. Aí você chega com material e tipo: “estamos com fotógrafo de tal revista, estamos aí fazendo uma matéria e o lugar aqui é legal para andar”. Aí o pessoal meio que entende que é tipo um trabalho mesmo. É mais fácil de conversar e convencer o pessoal que não estamos de brincadeira ali (Rodrigo “Bocão”, *videomaker* e skatista. Entrevista em 11 de abril de 2011).

[Com a câmera] você quebra aquela ideia de que está ali somente para se divertir. Você dá um caráter mais profissional. Isso se apresenta como uma forma de trabalho. A reação das pessoas quando você chega para zoar é uma, quando você chega para trabalhar é outra. Então uma câmera, flash, quanto maior o equipamento, mais seriedade você passa para o cara que está ali barrando sua sessão (Marcelo “Mug”, fotógrafo e skatista. Entrevista em 6 de abril de 2011, grifos meus).

- 29 Às vezes, uma simples conversa com câmeras e filmadoras em mãos resolve todos os empecilhos para a realização de uma sessão. Porém isso é raro, visto que o skate, muitas vezes é associado ao vandalismo, por danificar certos espaços<sup>13</sup>. Contudo, ainda é importante ressaltar, com base nos discursos dos interlocutores, os deslocamentos simbólicos em torno dos sentidos atribuídos à prática do *street skate*. Várias falas proferidas pelos skatistas durante o trabalho de campo apontam para a valorização da “diversão” no momento em que se anda de skate. Com base no exposto agora, nota-se também outro aspecto: a dimensão do “trabalho”. A produção de imagens, sobretudo em *picos* onde a prática é proibida, é justificada pelos skatistas aos outros cidadãos por meio de discursos que valorizam não só o lado esportivo, mas principalmente o lado profissional<sup>14</sup>. Isso não deixa de ser, portanto, mais uma estratégia que se adota conforme as situações vivenciadas nas ruas.

## Discursos sobre repressões e permissões

- 30 Embora existam milhares de *picos* espalhados por toda a cidade de São Paulo, a maioria fica em espaços cujo acesso é restrito. E, por conta disso, geralmente são vigiados por pessoas que tentam coibir qualquer ato visto como transgressor. Em boa parte dos casos, basta o skatista se aproximar de algum equipamento localizado na calçada de um prédio comercial, por exemplo, para que, logo em seguida, homens de terno venham lhe repreender. Nessas situações, por conta das distintas lógicas atribuídas ao uso dos espaços urbanos, as relações estabelecidas nem sempre são amistosas.
- 31 Conforme apresentado, diversos tipos de estratégia são utilizados pelos skatistas, tendo em vista o uso e a produção de imagens em *picos* onde a prática é proibida. Obviamente, as estratégias podem ser bem ou mal sucedidas, o que faz com que a incerteza prevaleça antes de qualquer sessão.
- 32 Seguranças, policiais e guardas municipais são apontados pelos interlocutores como um dos repressores da prática. Sessões em vários *picos* privados, como os da Avenida Paulista, por exemplo, são interrompidas por eles, que muitas vezes não medem esforços para enquadrar e revistar os skatistas envolvidos. Sendo assim, não é raro encontrar casos de repressão por se andar de skate em algum *pico* da referida avenida:

Eu já tomei enquadrado da polícia indo para a faculdade. O cara falou: “não pode andar aqui etc.”. Eu falei: “já saiu em Diário Oficial, essas coisas? Eu estou ligado em como funciona estas regras!”. Daí ele: “não é para andar de skate aqui. Vaza!”. Eu entendi a mensagem. Mas eu já tomei uns cinco, seis enquadros na Paulista. Só porque eu estava de skate. Aí é aquela velha repressão. E lá tem dois: ou é o segurança, ou é a polícia. Tem segurança que conversa: “poxa, não pode andar aqui, beleza!”. Daí, tranquilo. Tem cara que chega berrando. Tem cara que lá de dentro não fala nada. Só chama a polícia. Daí a polícia chega e já sobe a calçada mesmo. Vai lá no meio, enquadra todo mundo. Revista todo mundo, cada um para o seu canto (Raphael “Pezão”, skatista. Entrevista em 29 de março de 2010).

- 33 É importante esclarecer que seguranças, policiais e guardas municipais, na maioria das vezes, entram em ação quando o sentido atribuído à prática do skate é considerado, a partir de suas lógicas, como inapropriado para o local. Se um skatista utiliza seu skate como um meio de transporte, para se locomover pela cidade, geralmente não encontra tantos problemas, afinal, o “carrinho” – forma como o skate também é chamado pelos skatistas – está sendo usado como um meio alternativo de locomoção “que não polui o ambiente”<sup>15</sup>. Entretanto, se o skatista tentar utilizar um espaço, ainda que por breves minutos, para realizar manobras em seus equipamentos, ele corre o risco de ser repreendido. A prática na Avenida Paulista representa bem esses aspectos.
- 34 As repressões sofridas pelos skatistas, sobretudo quando tentam realizar *sessões* em *picos* proibidos, manifestam-se de diversas formas. Elas podem ser desde uma simples bronca dada por um segurança, até a prisão de todos os envolvidos. Marcelo “Mug”, com base em sua experiência de skatista e fotógrafo, distingue por meio de sua fala essas situações, resolvidas de forma tanto pacífica quanto hostil:

Repressão tem toda hora, em todos os lugares. Tem de tudo. Os grandes vilões são os seguranças. A polícia às vezes embaça, mas ela geralmente vem quando um morador ou segurança chama. Ou quando a gente está andando num banco, num lugar que tem certo perigo, que eles acham que a gente está fazendo outra coisa. Mas o grande vilão mesmo são os seguranças. Eles tesouram a *sessão*. Tem de tudo: o cara que chega na boa, troca ideia e explica que isso é o trabalho dele, que vai queimar o filme dele. Quando o cara chega na boa, tenta explicar, a gente tenta explicar que a gente também está trabalhando. Muitas vezes o cara acha que a gente está ali para fazer algazarra, para destruir o *pico*, meio anarquista. A gente sempre explica para o cara que estamos trabalhando, que ele é skatista profissional, o cara está fazendo vídeo, eu trabalho para uma revista. O grande lance é sempre tentar expor. Ele tem um trabalho que é zelar por aquele patrimônio e a gente também tem um trabalho que é usufruir daquele lugar, mas sem tentar destruir o patrimônio dele. Mas tem cara que já chega na ignorância. Tem polícia que já chega apontando a arma na cabeça. Não tem muito uma regra (Marcelo “Mug”, fotógrafo e skatista. Entrevista em 6 de abril de 2011).

- 35 Diversos skatistas, fotógrafos e *videomakers* com quem tive contato durante o trabalho de campo já passaram por momentos de tensão ao tentarem andar de skate e fazer imagens em *picos* privados. Relatos é o que não faltam quando o assunto é “*sessões* que não deram certo”. Caio Yousseff contou-me uma situação vivenciada anos atrás. A tentativa de uma *sessão* em um lugar aparentemente tranquilo (o estacionamento de um supermercado) culminou em várias confusões entre skatistas e policiais:

Uma vez também eu tomei um enquadrado... Esse enquadrado foi tenso. Estava eu e mais uns seis caras. A gente foi andar no Santo Amaro, naquele Supermercado Dia. Lá no fundo tem uma borda com cantoneira perfeita, o chão é lisinho, tem corrimão lá. O *pico* é perfeito. Só que daí tem três prédios residenciais. E era domingo. E neste Supermercado Dia, em nenhum dia tem grade e o chão é sempre liso. E de domingo

ele não abre. Então a gente sempre andou nestes dias. Uma vez a gente estava lá. Foi bem na época dos ataques do PCC <sup>16</sup>. Colaram três viaturas “a milhão” [rapidamente]. Já entraram no meio do supermercado botando arma na cabeça de todo mundo: “vai todo mundo para a parede”. Eu estava de costas e nem vi. Quando eu vi, o policial já estava apontando arma para mim: “vai moleque, vai para a parede!”. Aí foram todos para a parede. Levamos o maior enquadro. E rolou a maior discussão. Este enquadro foi o mais “cabreiro” que levei em minha vida (...). A gente foi lá falar com os policiais e rolou a maior discussão (...). Foi sem noção. Foi por conta dos moradores do prédio, por causa do barulho do skate. Vai ver que um deles tinha “trampado” a semana inteira e queria dormir depois de ver o jogo do time. (Caio Yousseff, skatista. Entrevista em 15 de abril de 2010).

- 36 O fotógrafo Caetano Oliveira também vivenciou situações parecidas, quando ele, um *videomaker* e um skatista tentaram fazer uma sessão em uma área cujo acesso é proibido:

Teve uma vez que a gente estava num ponto de ônibus em Guarulhos, perto do aeroporto. Acho que é área militar e não pode andar de skate. Eu estava filmando com o “Gema” e o Everton “Tutu”. A gente estava fazendo uma *sequência*. De repente chegou um cara de moto, com a arma apontando para a gente, gritando: “sai daqui, sai daqui, filho da puta! Não pode andar aqui! Está louco?”. Ele estava totalmente fora de si, apontando a arma para a nossa cara. A gente: “calma, não precisa chegar assim. Você não tem educação?”. Com a discussão o cara foi ficando nervoso, e a gente foi embora, antes de acontecer qualquer besteira (Caetano Oliveira, fotógrafo e skatista. Entrevista em 7 de abril de 2011).

- 37 Casos de repressão são sempre acionados pelos skatistas no sentido de demonstrar as dificuldades encontradas para o uso de certos *picos*. Conseguir burlar todas as adversidades e andar de skate em espaços proibidos é algo valorizado entre eles. Embora reconheçam que as manobras eventualmente danifiquem alguns equipamentos, eles sempre deixam claro em seus discursos que “skate não é crime” e que os repressores da prática, muitas vezes, estão errados por conta da forma truculenta com que os abordam.

- 38 Contudo, as estratégias utilizadas pelos skatistas nem sempre culminam em repressões parecidas com as apresentadas. Com efeito, muitas *sessões* também são bem sucedidas. Nos “rolês” pela cidade, é possível encontrar pessoas que compreendem a prática e que, inclusive, ajudam os skatistas na produção de suas imagens. O próprio Caetano Oliveira relata uma situação que o deixou surpreendido:

Uma vez a gente estava na Zona Leste. Estava com o Glauber Marques. Até saiu nessa última [revista] Tribo Skate, um *smith de front*. Daí a gente foi num mercado e bem na entrada tinha um corrimão. A gente achou que não podia andar. Eu fui falar com a gerente, e os caras: “você nunca vai conseguir!”. Falei com a gerente e ela pediu aos seguranças para fazerem a escolta da gente. Ela fechou a entrada do mercado, só para a gente andar. Durante pouco tempo, mas deu certo para fazer a foto. Os clientes do mercado iam entrar e ela: “Não, vocês não estão vendo eles filmando? É do outro lado, na outra escada!”. A escadinha era no canto do mercado. Com isso, eles tinham que dar maior volta (Caetano Oliveira, fotógrafo e skatista. Entrevista em 7 de abril de 2011).

- 39 O fotógrafo Marcelo “Mug” também já experimentou situações inusitadas em algumas *sessões* de skate, como esta, onde um policial curiosamente o aconselhou a pular as grades de uma faculdade para andar de skate:

A gente estava na Argentina. Os seguranças, que aqui no Brasil têm de truculento e mal educado, lá na Argentina os caras têm de educação. Teve um dia que a gente estava em frente a um prédio. O segurança estava conversando com a gente, falando que não podia. Ele explicou, falando que tinha uma câmera que foi instalada no ano passado, e que agora não pode mais deixar andar. Antes ele deixava andar. Nesse momento a polícia passou na rua. Ele viu que a gente estava insistindo e chamou a

polícia. A polícia veio, trocou idéia com a gente. O policial me chamou de canto e falou: “Esquece. Nesse lugar vocês não vão andar”. Só que ele começou a me passar uma lista de *picos* que a gente podia andar. E falou até uma coisa engraçada: “aquela faculdade ali, que tem grade e tudo, vocês podem pular e andar. Ali é um lugar público e eu garanto que vocês vão poder andar tranquilos”. Era proibido, mas ele autorizava a gente (Marcelo “Mug”, fotógrafo e skatista. Entrevista em 6 de abril de 2011).

- 40 Neste tópico, portanto, foram apresentados diversos discursos acerca de momentos em que a prática do skate é reprimida ou permitida. A partir do instante em que o skatista, acompanhado de um fotógrafo e de um *videomaker*, se aventura a tentar burlar regras de segurança para andar de skate ou fazer imagens em espaços de acessibilidade restrita, está sujeito a vivenciar situações que não podem ser previstas.

## Considerações finais

- 41 Conforme demonstrado etnograficamente, cada espaço utilizado pelos skatistas resguarda certas particularidades que orientam a forma como as *sessões* são realizadas. Antes de utilizar qualquer tipo de *pico*, o praticante deve estar preparado para todos os imprevistos que podem ocorrer, mas, sempre tendo como meta o alcance de pelo menos alguns objetivos básicos, dentre eles: conseguir que a *sessão* seja bem sucedida, isto é, que não encontre nenhum tipo de repressão; acertar a manobra escolhida, e registrar imagens (em fotos e/ou vídeos) do momento em que a mesma for feita.

- 42 Para que os objetivos apresentados sejam conquistados, deve-se ter em mente que andar de skate num *pico* privado não é a mesma coisa que andar de skate num *pico* público. O skatista Sandro Sobral está acostumado a praticar nesses dois tipos de *picos* e, com base em sua vasta experiência, distingue-os da seguinte forma:

Tem dois jeitos de você trabalhar, que eu acho: *tem um lugar que ninguém nunca andou, onde você pode mandar uma manobra mais fácil*. Nunca ninguém andou. Então você pode apresentar o *pico*, depois quem quiser, vai lá e evolua o *pico*. *E tem o pico que todo mundo anda, então você tem que mandar manobra melhor que todo mundo* (Sandro Sobral, skatista profissional. Entrevista em 31 de março de 2010, grifos meus).

- 43 Tal fala aponta para alguns aspectos que permitem compreender o uso e a produção de imagens em cada tipo de *pico*. Os lugares em “que ninguém nunca andou” podem ser vistos como espaços cujo acesso normalmente é proibido e que, na maioria das vezes, são vigiados por seguranças que impedem a prática do skate. Devido às dificuldades para sua utilização, os *picos* privados se tornam cobiçados no universo do *street skate*. Afinal, conforme ouvi certa vez de um skatista, “andar de skate em lugares proibidos é sempre mais emocionante”. Por esse motivo, as fotos feitas nesses locais são mais valorizadas. Prova disso é que o skatista que consegue burlar as regras de segurança para mandar sua manobra em um *pico* que nenhum outro praticante tenha conseguido andar, passa a ser respeitado por seu grande feito<sup>17</sup>. Os fotógrafos Caetano Oliveira e Marcelo “Mug” concordam que:

O cara vai ver a revista, vai ver a foto de um lugar onde ele sempre sonhou em andar, mas que nunca conseguiu por causa dos seguranças, por causa da polícia. Ele vai ver que você foi lá e fez um trabalho e vai dizer: “nossa, isso é demais! Queria muito andar aqui”. *Isso vai ter um valor absurdo para o skatista* (Caetano Oliveira, fotógrafo e skatista. Entrevista em 7 de abril de 2011, grifos meus).

As pessoas sabem que certos lugares são impossíveis de andar. Então você chega com uma foto com uma manobra difícil [ela é valorizada]. Não só a execução da manobra foi difícil, mas todo o contexto para chegar até ali foi complicado. A gente sabe que o skatista não teve tempo para tentar muitas vezes [a manobra], que o fotógrafo não teve tempo para testar a luz para chegar e fazer [a foto], [teve que] montar o equipamento rápido. Tem que ir de madrugada, tem que ir de domingo, e provavelmente será difícil outra pessoa ir lá e fazer outra coisa. Então essa é a conjuntura que leva [a foto ser valorizada]. É legal ir ao Vale, na Praça da Sé, aonde todo mundo vai, é liberado andar e tal. Mas quando eu estou procurando fazer um trabalho para a revista, eu gosto de ir a lugares diferentes, inéditos, e isso implica muitas vezes que o lugar vai ter segurança, que é proibido, que ninguém nunca andou lá, que o *gap* é alto, que o corrimão é alto. Então para mim, quanto mais desafiador, quanto mais inédito e proibido, [melhor] (Marcelo “Mug”, fotógrafo e skatista. Entrevista em 6 de abril de 2011).

- 44 Shin Shikuma, editor de fotografia de uma revista especializada em skate, tece uma interessante comparação. Em sua visão, o fato de um skatista conseguir andar de skate em um *pico* privado se assemelha ao “pichador que consegue pichar a parte mais alta de um prédio. Existe essa competição no skate, de conseguir fotos em lugares proibidos”<sup>18</sup>. Esses discursos atestam que os skatistas procuram os mais inusitados equipamentos urbanos para andar de skate não por conta da falta de espaços “próprios” para a prática, como as pistas, mas ao contrário, em virtude das experiências compartilhadas entre eles que valorizam o skate praticado nas ruas, ou para ser mais específico, em espaços com acesso limitado, principalmente naqueles que não permitem que manobras sejam feitas em seus equipamentos. Desafiar as proibições é, portanto, algo que perpassa os discursos e as práticas no universo da modalidade *street skate*.
- 45 Uma das justificativas para a intensa produção de imagens em *picos* privados é que, por meio delas, o skatista pode provar aos outros que conseguiu conquistar e usar espaços tidos pelos demais como inapropriados para a prática do skate:
- É uma forma de provar, tipo, que conseguiu fazer isto por mérito do skatista mesmo. Ele correu atrás e conseguiu o seu espaço, conseguiu fazer o que ele queria, do jeito que ele quis (Rodrigo Bocão, *videomaker* e skatista. Entrevista em 11 de abril de 2011).
- 46 A dificuldade da manobra feita em um *pico* privado muitas vezes não é o primordial. O importante, no instante da *sessão*, é mais o uso do espaço e menos o nível técnico do skatista<sup>19</sup>. Tanto é que comumente são publicadas em revistas fotos de manobras tidas como “fáceis”. Um bom exemplo é uma foto estampada na capa da Revista Tribo Skate, na edição de maio de 2008. A imagem mostra o skatista Guilherme Okamoto realizando uma manobra, chamada *crail air*, em uma escultura da artista Tomie Ohtake, exposta na área do aeroporto da cidade de Guarulhos. Do ponto de vista técnico, de acordo com a perspectiva dos próprios interlocutores, a manobra feita pelo skatista é considerada simples. No entanto, a utilização do *pico* é considerada extremamente difícil. Marcelo “Mug”, fotógrafo que fez a foto, relatou-me que teve de bolar uma série de estratégias para conseguir tal feito. Com muita cautela e em questão de breves minutos, a imagem e a manobra tiveram de ser feitas. Apesar do risco de serem presos, o fotógrafo e o skatista conseguiram utilizar um *pico* que nenhuma outra pessoa ligada ao skate havia conseguido. Por isso, a foto foi contemplada com a capa da revista.
- 47 O uso de *picos* privados, portanto, sempre é feito rapidamente. Daí a importância em planejar antecipadamente tudo o que será feito durante a *sessão*. Chega-se ao local com metas pré-definidas: o skatista mentaliza qual manobra mandará, o fotógrafo e o

*videomaker* analisam qual o melhor ângulo em que podem se posicionar, e todos os envolvidos ainda deixam combinada qual a tática utilizada caso sejam repreendidos por seguranças, guardas ou policiais. Rodrigo “Bocão” compartilha dessa perspectiva:

Não é um lugar que você vai ficar brincando ali. [É] meio que um objetivo: “vou fazer isso em tal lugar”. Vamos lá, chega, monta o equipamento, acerta e beleza. Se tiver repressão, tenta voltar outro dia, mas sempre com o objetivo de acertar a manobra (Rodrigo “Bocão”, *videomaker* e *skatista*. Entrevista em 11 de abril de 2011).

- 48 Já os *picos* em “que todo mundo anda”, para utilizar uma expressão de Sandro Sobral, normalmente são espaços públicos (como Vale do Anhangabaú, Parque do Ibirapuera, Praça Roosevelt), onde praticantes de diversas partes da cidade se encontram<sup>20</sup>. Além de propiciar a constituição de formas de sociabilidade mais densas e duradouras, a repressão relacionada à prática do skate nesses locais é quase nula. Por conta disso é possível encontrar *skatistas* em quase todos os dias e horários. Nesse sentido, ter a chance de mandar manobras em equipamentos urbanos localizados em espaços públicos, por exemplo, nem sempre constitui um desafio a ser superado.
- 49 Este artigo tentou analisar certos padrões de comportamentos “não de indivíduos atomizados, mas de múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos” (Magnani, 2002, p.17). Com base no trabalho de campo realizado pode-se concluir que a prática do *street skate* pode ser feita em múltiplos espaços, os quais se tornam, partindo da concepção de De Certeau (2009), *lugares praticados*. Nesse sentido, assim como “(...) a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (De Certeau, 2009, p.184), um equipamento urbano pode ser transformado em *pico* pelos *streeteiros*<sup>21</sup>. Isso os leva a inventar, por meio do *olhar skatista*, um conjunto de possibilidades de usos dos espaços através de suas *sessões* pela cidade<sup>22</sup>.

---

## BIBLIOGRAPHY

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.

BASTOS, Billy Graeff. **Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da “vizinhança” ao “corre”**. Dissertação de mestrado em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, 2006. 174 p.

BRANDÃO, Leonardo. “Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil”. **Recorde: Revista de História de Esporte**, v.1, n° 2, dezembro de 2008.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Editora Vozes, 2009, 16ª. ed.

ECKERT, Cornelia. “Cidade e política: nas trilhas de uma antropologia na e da cidade no Brasil”.

In: DUARTE, Luiz Fernando Dias (coord. de área); MARTINS, Carlos Benedito (coord. geral).

**Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Antropologia**. São Paulo, ANPOCS, 2010, p.155-196.

FRÚGOLI JR, Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo, Cortez/Edusp, 2000.

----- **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2007.

JOSEPH, Isaac. “A respeito do bom uso da Escola de Chicago”. In: VALLADARES, Lícia do Prado (org.). **A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Ed. UFMG/IUPERJ, 2005 [1998], p. 93-128.

LE BRETON, David. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas, Autores Associados, 2009.

LEITE, Rogério Proença. “Margens do dissenso: espaço, poder e enobrecimento urbano”. In: FRÚGOLI JR., Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Áreas (orgs.). **As cidades e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte, PUC Minas/Edusp, 2006, p. 23-44.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De “carrinho” pela cidade: a prática do street skate em São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2011.

----- “Dilemas em torno da prática do *street skate* em São Paulo”. **Revista Esporte e Sociedade**, n.19, março de 2012, p. 1-24.

MAGNANI, José Guilherme C. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.17, n° 49, 2002, p. 11-29.

MENEGUELLO, Cristina. “Espaços e vazios urbanos”. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença (orgs.). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. Coimbra, Almedina, 2009, p.127-138.

MUG, Marcelo. “Avenida Paulista: o passeio nosso de cada dia”. **Revista Tribo Skate**, São Paulo, n°161, março de 2009.

OLIVEIRA, Marcelo Nahuz de. “Avenida Paulista: a produção de uma paisagem de poder”. In: ARANTES, Antonio A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas, Papirus, 2000, p. 208-255.

PERALVA, Angelina. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **De rolê pela cidade: os pichadores em São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2005.

ZUKIN, Sharon. “Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder”. In: ARANTES, Antonio A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas, Papirus, 2000, p. 80-103.

## NOTES

1. Magnani (2002, p.20) pondera que tanto a antropologia na cidade quanto a da cidade, “devem ser considerados como dois pólos de uma relação que circunscrevem, determinam e possibilitam a dinâmica que se está estudando”. Para mais referências sobre Antropologia da Cidade, vide Frúgoli Jr. (2007) e Eckert (2010).
2. Mais informações sobre os desdobramentos e a trajetória do conceito de situação na Antropologia, vide Frúgoli Jr. (2007).
3. Lugares skatáveis é uma expressão nativa que se refere aos locais que possibilitam a prática do skate.
4. Wallride é a denominação dada pelos skatistas a uma parede levemente inclinada.

5. Escadas com duas seções de degraus.
6. A prática do skate não é permitida nas escadarias do Banco Central, visto que há várias seguranças que tentam impedir a realização de manobras nos equipamentos que se localizam em um espaço com regras privadas. Por isso há um duplo risco para o skatista: o de se machucar com a prática e o de uma possível repressão por parte de seguranças ou policiais.
7. A Avenida Paulista pode ser associada ao que Zukin (2000, p.106) chama de “paisagem de poder”, ou seja, um espaço que expressa as restrições estruturais de uma cidade, o que implica na separação e limitação de certas atividades e práticas (como a do skate e tantas outras), que por vezes incorporam e reforçam as diferenças. Ao analisar a produção de uma “paisagem de poder” em torno da Avenida Paulista, Oliveira (2000, p.214) nos diz que: “ao mesmo tempo em que os pesados investimentos na reelaboração da imagem da Avenida Paulista se revelam eficazes – ao menos parcialmente – em sua intenção de atrair a riqueza e o poder simbolizados pelos grandes investimentos internacionais, essas mesmas transformações do espaço da Paulista e das formas de sociabilidade ali vividas recriam-na como um lugar extremamente interessante para outros atores sociais que, a princípio, não ‘cabem’ nos conceitos e imagens da globalização”. Desse modo, assim como em outras práticas – sendo estas não só esportivas –, os skatistas escolhem a Avenida Paulista como palco de manobras tendo em vista a visibilidade construída em torno da mesma.
8. Muitos interlocutores me disseram ficar atentos às reformas e às novas construções de equipamentos urbanos, pois, a partir das mesmas, podem surgir picos que possibilitem a prática do skate e, conseqüentemente, a captação de imagens inéditas.
9. A expressão picos privados faz referência aos equipamentos urbanos situados em espaços cujas regras de circulação e de acessibilidade são privadas, tais como: escadarias na porta de bancos, corrimãos de prédios comerciais, quinas de mármore nas calçadas de comércios etc.
10. A proximidade entre os picos é um diferencial da Avenida Paulista em relação a muitos outros espaços da cidade. Isso possibilita com que o skatista possa andar, por exemplo, em um simples banco de madeira até em um alto corrimão fixado em uma escadaria.
11. Ser local indica que o skatista possui um determinado espaço como referência para a prática. Por exemplo: um dado skatista é local do Parque do Ibirapuera. Logo, o espaço onde ele mais anda de skate é o referido parque. Contudo, isso não quer dizer que deixe de praticar em outros espaços.
12. Evento futebolístico realizado na África do Sul, no ano de 2010.
13. Para uma análise mais detalhada sobre este aspecto, vide “Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil” (Brandão, 2008).
14. Discursos relacionados ao lado profissional do skate podem ser vistos em Bastos (2006).
15. Esse pode ser considerado outro discurso estrategicamente acionado pelos streeiteiros quando são repreendidos.
16. Em 2006 houve em São Paulo, assim como em muitas outras cidades, uma série de atos de violência contra forças de seguranças e alvos civis. Os constantes ataques adquiriram repercussão a partir do isolamento de líderes do Primeiro Comando da Capital (PCC) em presídios de segurança máxima.
17. Outras diversas práticas encontradas nas grandes cidades, nem todas de cunho esportivo, também possuem dinâmicas pautadas pelo enfrentamento do risco como forma de obtenção de prestígio e visibilidade. Angelina Peralva (2000), por exemplo, ao analisar a prática do surfe ferroviário entre jovens moradores de áreas periféricas das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, notou que os praticantes exercitam e relativizam o controle do risco, o qual é expresso por meio de suas condutas em cima dos tetos dos trens. A partir de experiências compartilhadas em companhia de outros, os jovens adeptos do surfe ferroviário buscam “(...) a afirmação da vida como prazer ligado à superação do medo” (Peralva, 2000, p.169). Já Le Breton (2009), ao investigar a dimensão do risco em diversos tipos de práticas esportivas, também apontava que nas



“condutas perigosas em (...) bicicleta ou mobilete, em skate ou carrinho de rolimã etc., pode-se perceber muitas vezes a influência do grupo de pares nos desafios a que se lançam os jovens, ou na estima de si mesmo que tratam de conseguir”, e portanto, o “jovem tende a superar suas apreensões para afirmar sua identidade ao olhos dos outros” (Le Breton, 2009, p.46).

18. Entrevista em 12 de abril de 2011. A comparação feita por Shin Shikuma aproxima-se também das análises feitas por Pereira (2005). Ao analisar o universo da pichação na cidade de São Paulo, o pesquisador notou que: “quanto mais um pichador se arrisca, mais ele ganha reconhecimento dos outros. Surge, assim, uma competição para ver quem picha mais alto em determinados prédios da cidade. Quando um deles consegue pichar mais alto que o outro em algum edifício, este se sente desafiado e tentará pichar mais acima ainda. Esta competição para ver quem deixa sua marca na parte mais elevada de um prédio é chamada por eles de ‘quebrar o pixo’. Embora, não seja uma ofensa direta como o atropelo, quebrar o pixo de alguém pode gerar certas desavenças, mas também maior popularidade” (Pereira, 2005, p.37).

19. Contudo, é importante esclarecer que uma imagem se torna ainda mais valorizada se uma manobra considerada “difícil” for acertada em um espaço cuja prática do skate é proibida.

20. Não obstante, pode haver alguns picos situados em espaços com regras privadas em que “todo mundo anda”. Porém, isso é mais raro.

21. Deste modo, portanto, “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas” (Merleau-Ponty, 1976 apud De Certeau, 2009, p.185). De Certeau (2009, p.45) mostra ainda que certos usos comuns de determinados bens e espaços são perpassados por modos próprios de utilização por parte dos cidadãos, os quais se dão entre as representações que as instituições buscam impor (o que o autor define como estratégias) e as maneiras através dos quais estes controlam suas próprias vidas (o que pode ser definido como táticas).

22. Para De Certeau (2009, p.184) o espaço pode ser definido como “um cruzamento de móveis”, o qual está sujeito a conflitos e mobilidades, ao invés de uma estabilidade. A ausência dessa estabilidade e a predominância de conflitos, com efeito, é o que se tenta evidenciar etnograficamente por meio da observação da prática do street skate em certos espaços da cidade de São Paulo.

---

## ABSTRACTS

Apesar da existência de dezenas de pistas de skate na cidade de São Paulo – espaços considerados “próprios” para o skate -, a maioria dos skatistas da modalidade *street skate* confere maior importância à prática feita nas ruas, onde, para muitos, se “anda de skate de verdade”. A atração que elas exercem é a possibilidade de encontrar diferentes tipos de *picos*, ou seja, equipamentos urbanos (bancos, corrimãos, escadas, canteiros) obstáculos onde se realizam as manobras. Este artigo busca analisar como os skatistas usam e se apropriam de certos espaços da cidade que não foram planejados para a prática do skate. De um modo geral, por meio do trabalho de campo realizado vislumbra-se relativizar o espaço urbano como algo fixo e com práticas determinadas.

Although there are dozens skate parks in the city of Sao Paulo, most of skateboarders gives greater importance to the practice done in the streets. What attracts them is the possibility of finding different types of urban equipments (curbs, handrails, stairs, gaps, etc.) that become obstacles where realize the tricks. This article aims to analyze how the skateboarders use certain

areas of the city that were not planned to the practice of skateboarding. Through fieldwork can be question the urban as something fixed and with certain determined practices.

## INDEX

**Keywords:** skateboarding, urban space, urban anthropology

**Palavras-chave:** skate, espaço urbano, antropologia urbana

## AUTHOR

**GIANCARLO MARQUES CARRARO MACHADO**

Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP). E-mail: gmachado@usp.br